

Voz de Antas



S. PAIO DE ANTAS
— ENDE —

ANO VI N.º 53
DEZEMBRO DE 1962

Composição e Impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
— B M A G A —

CINCO ANOS

O nosso pequenino Jornal entra com este número no sexto ano de existência. Nos cinco anos passados pode orgulhar-se de haver percorrido as mais diferentes terras, batendo à porta de todas as casas onde sabia existir um filho de S. Paio.

Nesta romagem de apostolado e de saudade tentou (estou certo disso) cumprir o propósito que o fez vir à luz da publicidade: — *ser um elo de ligação entre os filhos desta terra espalhados pelo mundo; ser um mensageiro da Verdade e do Bem; ser um despertador solícito e carinhoso da consciência cristã da nossa gente; ser uma carta mensal, familiar e amiga do Reitor de S. Paio aos seus paroquianos.*

Terá conseguido estes ambiciosos objectivos? Só os leitores poderão responder. Da minha parte posso garantir-vos que lhe dediquei toda a minha devoção de Pastor, para que tão nobres finalidades fossem atingidas.

Durante estes cinco anos (quase sete de paroquialidade) nem tudo foram alegrias e consolações. Mas para que lembrar coisas tristes na hora solene do aniversário? Não sabemos todos que o Paraíso, não é neste mundo?

Mas... o passado é passado. O

que importa é continuar, manter firme e bem viva a esperança da primeira hora, trabalhando como se tudo dependesse do nosso esforço e na certeza de que tudo depende da Graça de Deus.

Têm alguns mostrado a opinião de que o Jornalzinho deveria crescer em formato e, por consequência, em conteúdo. Não tenho, atendendo às circunstâncias, essa convicção. Deixai-o ser pequenino, familiar, humilde, simples, para que possa ser simpático e desejado sem ser muito oneroso para mim e para vós. Não queirais fazer dele um odiento e odiado *politiqueiro de aldeia*, o que o tornaria intolerável e insustentável.

Vamos, pois, continuar na rota traçada, contando com a ajuda de Deus e a vossa compreensão, para que o nosso querido «Voz de Antas» seja sempre voz da Verdade e do Bem a ensinar a todos o caminho do Céu.

Meus Amigos, o vosso Reitor deseja-vos um Santo Natal, um Natal Cristão na paz de Jesus.

Ainda as Cruzes de S. Paio

Ora continuemos a ouvir o que nos contam as cruzes dos nossos caminhos.

Cruz da cancela da oliveira, à vista da estrada de Forjães - Cruz não é bem, que hoje apenas ali se vê a cova onde noutros tempos esteve a dita cruz. Foi ela levan-

Noite de Natal

Noite fria, mas santa e alegre. Em A'frica, a noite é quente, mas santa e alegre também. Por aí todos buscam a lareira. Por cá, passeiam ao luar, depois da consoado. A temperatura a isso convida. O luar é lindo. As estrelas cintilantes. A noite silenciosa e cheia de mistério. O mistério da selva africana!

Apesar de tudo sentem-se saudades. Pela mente de quem anda por longe começa o desbobinar das recordações da infância...

Grandes travessas na mesa. Bacalhau, batatas, couve penca ou galega. Tudo abundantemente regado com azeite. Mesa farta. A sopa dispensa-se. As crianças respiram aliviadas. A lareira arde o cepo de carvalho. O cheiro das pinhas mansas espalha-se por toda a casa. Pratos de arroz doce ou de aletria vêm para a mesa. Também não faltam as castanhas. E' preciso manter as tradições. Todos sentem alegria. O riso das crianças assemelha-se aos gorgeios dos passarinhos. E os ouvidos de quem anda por longe encostam-se indiscreta e mentalmente às portas das casas:

- Par ou pernao?!

Duas grossas lágrimas rolam pela face dos ausentes... E o coração diz o que os lábios se recusam a pronunciar:

Também eu, quando criança, me intretinha com os pinhões. Achava sempre cedo para me deitar. Como tudo é diferente no mundo em que vivo!

Nada nos faz esquecer o Natal da nossa aldeia!

Quanto mais afastados pela distância, mais presentes pela recordação e pela saúde!

Meus conterrâneos, deseja-vos um santo Natal

o P.^e António Fernandes de Sá

tada em memória de um homem da casa Meira, que ali morreu de desastre quando cortava um pinheiro. Na mesma bouça morreu algum tempo depois o sr. Delfino Arezes, mas a esta morte não se levantou nenhuma evocação.

Cruz no fundo do cemitério - Bem se lembram os antigos de esta cruz nem sempre ter estado onde hoje está. O sítio dela era mais abaixo, no caminho do Montedo. Foi ela erigida também para memoriar um desastre de que foi vítima uma pessoa que vinha a ter mão num carro, não se sabe se de fualha se de mato. A verdade é que essa pessoa cuja identidade se esqueceu já, trazia um forcado na mão e como o carro se voltasse, caiu sobre o pobre carreteiro que perfurou o abdomen com o forcado que trazia.

Cruz do Pica, na Peneirada. O Pica fora a Viana. Dizem uns que trazia uma folha de serra que comprara na vila. Homem doente do coração, foi acometido pelo mal ao chegar à Peneirada, sentou-se, mas a síncope fora fulminante e ali se finou o pobre homem. Outra tradição refere que o Pica vinha de Viana onde comprara não uma serra mas umas febras de carne e ao chegar à Peneirada deu-lhe uma dôr a que não pôde resistir.

Cruz da azenha do Minante - Na azenha do Minante aconteceram já vários desastres, cuja memória ainda se não perdeu. Em 1902, pelo Carnaval, um homem de Valongo que andava a vender cadeiras, escorregou junto da margem, caiu ao rio e afogou-se. Há porém, quem conte de outra maneira. O nosso homem teria sido morto pelos ladrões, mais lá em cima, os quais o deitaram ao rio e pelo rio abaixo veio o cadáver até ao Minante.

Morreu depois na Cepa Grande, quando tomava banho, o "Criminoso.", por ocasião da festa das Necessidades, a 7 de Setembro de 1920.

Em Janeiro de 1905 foi a tragédia do tio Manuel Minante, apanhado pelo cabouco da azenha.

Por qual destes será a cruz? Parece que a cruz é já anterior a estas três mortes. Os que se lembram destes desastres têm ideia de lá estar a cruz antes de qualquer destas mortes. Houve pois com certeza por ali outras horas negras que o tempo varreu.

FESTA DA**Imaculada Conceição****Dia da Mãe**

Eu sou a Imaculada Conceição..
Palavras de Nossa Senhora em Lourdes,
Palavras da Bendita Mulher entre as
mulheres.

Palavras que definem um dos maiores
privilégios de Nossa Senhora e que só a
Ela foi concedido: a sua Imaculada Con-
ceição.

Foi no dia 8 de Dezembro que celebra-
mos a festa da Imaculada, nossa Padroeira
e Rainha, pois, desde 1640, que a Imagem
de Nossa Senhora, em Vila Viçosa, ostenta
a coroa dos reis de Portugal após consa-
gração de D. João IV.

Esta festa começou com missa cantada
pelo Coral da Banda de Música após a
qual foram distribuídas às crianças pequenas
estampas alusivas à festa da Imaculada
Conceição.

A tarde, houve sermão seguido de Terço,
Consagração das Mães a Nossa Senhora
pela Sr.^a D. Maria Emília e Bênção do
Santíssimo Sacramento.

Por fim realizou-se no Centro Paroquial
uma sessão recreativa que esteve a cargo
dos Escuteiros e Catequese. Começou esta
sessão com a entrega de um ramo de flores
a uma Mãe em comemoração de tão feliz
dia.

Seguiu-se uma série de canções patrió-
ticas que nos comoveram e nos instigaram
a honrarmos e respeitarmos cada vez mais
a nossa Pátria. Declamações e canções
cómicas foram muito bem executadas por
uns pequenos de grande veia artística. Um
bravo a todos estes rapazes e ao seu orien-
tador Manuel Faria Viana.

Domingos Saleiro

**Aos soldados
do Ultramar**

Caros conterrâneos:

Não é para vos avivar a saudade que
este vosso amigo de infância vos dirige hoje
uma saudação. E' para que da leitura desta
simples carta fiquéis convencidos da ami-
zade e camaradagem que liga todos os ra-
pazes de Antas.

Amigos desde os bancos da escola, te-
mos muitas coisas em comum que o espaço
e o tempo não serão suficientes para apa-
gar.

Quando, pequenos, a saca dos livros a
tiracolo, calcurriavamos os caminhos da
nossa aldeia, nem eu nem vós ousariamos
pensar que uma dúzia de anos mais tarde
seria tão grande a distância que nos separa.
Quantas vezes (preferindo à clausura e dis-
ciplina da escola a vida livre dos campos)
subiamos o monte da Cividade, cujos hor-
izontes delimitavam para nós o mundo
conhecido, e apontávamos para lá do mar
onde, dizíamos ficava a África, terra de
bichos e de selvas.

E nenhum de nós avaliou bem aquelas
palavras do nosso professor ao ver-nos
alinhados na frente da nossa bandeira:

— Ela é o símbolo da Pátria. Se for
necessário defendê-la não lhe negueis a pró-
pria vida.

E o certo é que todos vós atravessastes
o mar em direcção à África, e, assim o
creio, estais dispostos a dar a vida pela
nossa bandeira.

Se na escola nos ensinaram a amar a
Pátria, na igreja ensinaram-nos a amar a
Deus. Honrai-O com um Natal santo e
alegre e da melhor maneira comemorai
aquele nascimento que os anjos anunciaram
com as palavras:

...Paz na terra aos homens de boa
vontade..

E vós, homens de boa vontade que es-
tais na guerra, tende a certeza da nossa
solidariedade nas horas difíceis.

Que o vosso orgulho de soldados de
Portugal contamine todos os jovens de
S. Paio!

Antas, Dezembro de 1962.

Raul Saleiro

Noticiário Centro Paroquial

Baptizados

Na igreja paroquial de S. Paio receberam o Sacramento do Baptismo:

-No dia 25-11, *Alexandrino Manuel Pereira Carvalho de Sá*, filho de Manuel Tavares Carvalho de Sá e de Maria Acilda Pereira de Sá, residentes no lugar de Guilheta.

-No dia 29-11, *Manuel Martinho da Cruz Laranjeira*, filho de Manuel Meira Laranjeira e de Maria Celina Viana da Cruz, residentes no lugar de Belinho;

-No dia 13-12, *Ofília Margarida Alvarães Meira*, filha de Manuel Rodrigues Meira e de Maria Ferreira Alvarães, residentes no lugar de Guilheta;

-No dia 16-12, *Maria Cândida Vitorino Rodrigues*, filha de Torquato Pedreira Rodrigues e de Maria Cândida do Vale Victorino, residentes no lugar de Guilheta.

Casamento

No dia 15-9, *António Celestino Gonçalves Pereira* contraiu matrimónio com *Piedade da Conceição Pinto Sampaio* na igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima do Rio de Janeiro.

Óbitos

José Alves Rolo, de 76 anos, do lugar de Azevedo, faleceu a 27-11.

Rosa Gonçalves Pereira, de 58 anos, do lugar de Belinho, faleceu a 3-12.

Laurinda Pereira de Barros, de 65 anos, do lugar de Estrada, faleceu a 6-12.

Maria Alves Rolo, de 72 anos, do lugar de Estrada, faleceu a 9-12.

Manuel Gonçalves Crespo, de 26 anos, casado, do lugar de Pereira, faleceu a 17-12. É o terceiro irmão que morre com a mesma doença, a tuberculose.

Descansem em paz.

Para o Céu

Rosalina da Silva Simões, de 7 meses, faleceu a 22-11.

Tenho a certeza que os ausentes ao verem aparecer tantas vezes este título, já disseram: quando é que terminará essa Casa, que tanto tempo leva a construir? E estão sempre à espera de ver anunciado a data da inauguração.

Pois, meus caros, ainda não é desta que vos direi esse dia. Hoje só vos posso informar dos muitos trabalhos ultimamente realizados. Tem-se trabalhado muito e com boa vontade. Já andamos em maré de acabamentos interiores. Uma parte foi tratada a metro e o restante, porque não há dinheiro, está a ser feito com a tal boa vontade dos nossos artistas e de alguns de fora da terra que se não têm recusado a fazer serões para além da meia noite.

Um serão foi até às 3 da manhã!

E, como este ano Deus deu muito vinho, os nossos lavradores não se têm esquecido de mandar uns garrafões para animar as gentes. Garrafões é um modo de dizer, pois que um deles só levava 30 litros!

Pão, figos e até nozes também não tem faltado.

Muito mais tenho para vos contar, mas como tudo isto merece uma referência especial na próxima continuaremos.

Recebemos

Domingos Alves Azevedo (França)	250\$00
Manuel F. P. de Carvalho (Lisboa)	50\$00
Abel F. P. de Carvalho (Lisboa)	50\$00
Sebastião Viana Alves (Timor)	20\$00
José Pereira de Barros (Porto)	25\$00
António Viana Carimalho (Guiné)	25\$00

Quero deixar aqui mencionado um agradecimento àqueles que contribuíram para o pequeno almoço e merenda das criancinhas da Comunhão Solene: Domingos Martins Frade, Manuel Eduardo, Engrácia Azevedo, e Albina da Cruz Viana que ofereceram o leite; um anónimo comprou e ofereceu 120 tijelas; outro pagou 192\$00 na mercearia; Manuel Alves da Cruz deu 20\$00 e Maria Alves Rolo 25\$00; e às Catequistas um obrigado pelos trabalhos e também pelas despesas.